



PERSEGUINDO
O BICHO-PAPÃO

RICHARD
CHIZMAR

Tradução

Marcello Lino

valentina 

Rio de Janeiro, 2024

1ª Edição

nota aos leitores

*P*erseguindo o Bicho-Papão é uma obra de ficção, um thriller em homenagem à minha cidade natal e à minha paixão por *true crime* (livros/histórias sobre crimes reais). Há cenas do cotidiano retratadas ao longo do livro que foram fortemente inspiradas na minha história pessoal, mas outros acontecimentos e pessoas, lugares e publicações reais foram usados ficcionalmente, também para dar verossimilhança a esta história de crime. Outros nomes, personagens, ambientações, publicações e eventos saíram diretamente da minha imaginação, às vezes um lugar não muito agradável de se habitar, admito.

prefácio

James Renner

E escrevo sobre crimes e, às vezes, persigo serial killers pelo país. Ganhei experiência no *Free Times*, em Cleveland, publicação onde trabalhei como jornalista investigativo em uma época na qual moças estavam desaparecendo na zona oeste da cidade. Todo mundo sabia que havia um assassino em série entre nós, mas ninguém conseguia caçá-lo. Passei um mês pesquisando os casos das vítimas Amanda Berry e Gina DeJesus. Um dos ex-namorados de Amanda parecia se encaixar no perfil, mas a polícia não tinha provas. Até que um dia, em 2013, enquanto eu observava meu filho dando piruetas na aula de ginástica, recebi uma mensagem de texto de uma antiga fonte no Departamento de Polícia de Cleveland: *Amanda e Gina acabaram de sair de uma casa na Zona Oeste. E uma terceira mulher se encontra aqui.* No final do dia, Ariel Castro estava detido. Quando revisei minhas anotações, o nome de Castro estava lá. Sua filha foi a última pessoa a estar com Gina DeJesus antes de ela ser raptada. Meu editor havia me pedido para não entrevistá-la porque, na época, ela era menor de idade. Para sempre vou me perguntar o que poderia ter acontecido se eu não tivesse dado ouvidos a ele.

No verão após Castro ter sido preso, tirei férias com minha família e fui para Ocean City, Maryland. Eu precisava dar um tempo de tudo e pretendia mergulhar em alguns romances de Stephen King e John Irving enquanto meus filhos construíam castelos de areia na praia. O apartamento tinha uma mesa velha e irritantemente bamba na sala de jantar e, já no segundo dia, eu estava louco para consertá-la. Inspeccionei as estantes do proprietário em busca de um livro em edição de bolso do tamanho exato para servir de calço e me deparei com um exemplar desbotado de *Perseguindo o Bicho-Papão*,

Perseguindo o Bicho-Papão

de Richard Chizmar, sobre *true crimes*. Comecei a folheá-lo e logo esqueci a mesa. Na hora do jantar, eu estava obcecado com os detalhes revelados no livro e os horríveis assassinatos não solucionados que abalaram a pequena cidade de Edgewood em 1988. À meia-noite, eu já havia terminado o livro.

Levei *Perseguindo o Bicho-Papão* comigo quando fomos embora. Acho que isso é roubo, mas ponderei que aquele era um destino melhor para o livro do que calçar um dos pés da mesa de jantar. Ao chegar em casa, fiquei ciscando na internet tentando descobrir se tinham pegado o sujeito, mas tudo o que consegui encontrar foram velhos artigos na LexisNexis. Nenhuma atualização nos últimos dez anos. Fiquei surpreso, porém, ao descobrir que o próprio Chizmar havia se tornado um grande editor, tendo publicado alguns títulos de ninguém menos do que Stephen King. Eu até tinha um número antigo de *Cemetery Dance*, a revista que ele editava na época da faculdade, e seu contato estava na página de créditos.

Em um rompante, decidi mandar um e-mail a Chizmar. *Alguma novidade sobre o mistério do Bicho-Papão?* Tirei uma foto do meu exemplar surrupiado, mandei-a em anexo e também incluí meu número de telefone. Cinco minutos mais tarde, meu celular tocou. Era Chiz. Acho que conversamos sobre os assassinatos por duas ou três horas naquela noite. Vinte e poucos anos haviam se passado, mas ele lembrava de todos os detalhes e todas as fontes com quem havia falado. Deu para perceber que ainda era uma obsessão. Eu havia planejado escrever um artigo sobre seu empenho na juventude para encontrar o assassino, mas outras histórias, mais novas, foram surgindo e...

Então, em uma manhã de 2019, vi “O Bicho-Papão” como *trending topic* no Twitter. Cliquei no link, achando que era uma ação de marketing para algum novo filme de terror, uma parte de mim tentando não gerar grandes expectativas, e, é claro, o assunto eram os assassinatos de Edgewood. Senti meu corpo ficar entorpecido quando li o nome do homem que a polícia acabara de prender. Era a última pessoa que eu imaginava.

Chizmar não atendeu o telefone naquele dia, nem durante o resto da semana. Obtive os detalhes por meio das atualizações de Carly Albrigh no *Washington Post*. Havia no ar uma sensação palpável de alívio que me fazia lembrar de quando o Assassino do Estado Dourado foi detido. Quando,

Richard Chizmar

contra todas as probabilidades, um monstro é finalmente pego... parece magia. O autor J.R.R. Tolkien tinha uma palavra para esse sentimento: *eucatástrofe*. O oposto de uma catástrofe, algo ainda mais importante porque ainda mais raro.

Sigo esperando as palavras finais de Richard Chizmar a respeito. Soube que ele entrevistou o assassino na prisão e fiquei ansioso para ouvir o que havia sido descoberto. Portanto, é uma grande honra ser convidado para escrever o prefácio desta bela edição, há muito esperada, do seu livro.

Se aprendi alguma coisa com a jornada de Chizmar é que, no fim, a paciência e a esperança vencem a maldade e a indiferença. Quase sempre. Espero que vocês concordem.

*James Renner,
3 de março de 2020*

James Renner é autor de *True Crime Addict*, um polêmico livro sobre o desaparecimento de Maura Murray, além dos romances *The Man from Primrose Lane* e, mais recentemente, *Muse*. Iniciou a carreira como repórter policial em Cleveland. Atualmente apresenta o podcast *Philosophy of Crime*.

introdução

“Que tipo de monstro faz uma coisa dessas?”

Quando comecei a recortar artigos de jornal e fazer anotações sobre os trágicos eventos que ocorreram na minha cidade natal, Edgewood, Maryland, durante o verão e o outono de 1988, eu não pensava em, um dia, transformar aquelas observações desorganizadas num livro.

Muitos dos meus amigos e colegas mais próximos costumam a acreditar nisso, mas juro que é verdade.

Talvez *alguma coisa* no fundo do porão do meu subconsciente tivesse um pressentimento de que ali podia existir uma história a ser contada, mas o Rich Chizmar da superfície, um sujeito de 22 anos e aparência jovial — que em certa tarde no início do mês de junho colocou seus parques pertences (inclusive o amado computador Apple Macintosh, que ainda estou pagando em prestações mensais) no banco traseiro e no porta-malas do seu velho Toyota Corolla marrom e seguiu para o norte na rodovia interestadual I-95 até a casa dos pais na esquina da Hanson Road com a Tupelo Road —, não fazia a mínima ideia.

Eu só sabia o seguinte: três dias antes, a alguns quarteirões de onde eu havia crescido, uma jovem fora tirada do próprio quarto no meio da noite. Seu corpo seviciado havia sido descoberto em um bosque próximo na manhã seguinte. A polícia local não tinha suspeitos.

Perseguindo o Bicho-Papão

Obtive a maioria dessas informações de alguns artigos de jornal e do telenoticiário noturno. No início, os repórteres foram vagos, acertadamente, em relação ao estado do corpo, mas o tio de um velho amigo meu era o xerife do condado de Harford e revelou todos os detalhes assustadores. “Meu Deus, Rich. Que tipo de monstro faz uma coisa dessas?”, meu amigo me perguntou, como se o interesse pelo macabro que sempre nutri me tornasse um especialista em desvios de comportamento.

Naquele dia, não tive resposta alguma que pudesse dar a ele, e agora, mais de um ano depois, ainda não tenho. Podem me chamar de ingênuo, mas acredito que algumas coisas simplesmente não podem ser entendidas. Boa parte da vida — e da morte — é um mistério.

Meu pai estava calmo como sempre quando nos falamos ao telefone na véspera da minha volta para casa — sua maior preocupação era o que eu ia querer jantar na minha primeira noite de volta, para que ele pudesse fazer compras no mercado da base militar —, mas minha mãe estava abalada. “Conhecemos os Gallagher há mais de vinte anos”, ela disse, a voz embargada. “Eles se mudaram para cá logo depois da gente. O Joshua engatinhava e a pobrezinha da Natasha ainda nem tinha nascido. Você vai ter que procurar o Josh quando chegar em casa. Não consigo nem imaginar como deve ser perder uma irmã mais nova... ainda mais assim dessa maneira. Acha que consegue? Você vai ao velório conosco, não vai? Você e o Josh se formaram juntos, não foi?” E assim por diante, sem parar.

Eu a tranquilizei dizendo que não, não conseguia imaginar como seria perder uma irmã mais nova (o fato de eu ser o caçula da família Chizmar e, portanto, não ter uma irmã mais nova, não tinha a menor importância; a questão obviamente não era essa), e, sim, claro, eu iria ao velório com eles, e, sim, Josh e eu havíamos de fato nos formado juntos, embora não fôssemos particularmente próximos, cada um tendo galeras diferentes.

Apesar de ser relativamente jovem, eu já estava no bom caminho para me tornar um católico reformado, mas meus pais eram muito carolas, especialmente minha mãe. Quando o mundo à sua volta sofria — um terremoto mortal na Ásia, inundações na América do Sul, um distante primo de

segundo grau com um diagnóstico de câncer tratável; a distância não importava —, minha mãe sofria junto. Ela sempre foi assim.

Quase sem fôlego àquela altura da conversa, mamãe disse que fazia uma semana que ela e Norma Gentile, nossa vizinha bem idosa, iam à missa todas as manhãs para rezar pela família Gallagher. Também levaram uma bandeja de frango frito e salada de repolho para demonstrar apoio. Ouvi a voz abafada do meu pai ao fundo, criticando minha mãe por me prender tanto tempo no telefone, ao que ela respondeu enfática “Fica quietinho aí, fica.” Quando voltou a falar comigo, ela se desculpou por estar tão chateada e alugando meu ouvido, e disse que nunca tinha acontecido uma coisa como aquela em Edgewood. Antes que eu pudesse responder alguma coisa, ela me desejou boa noite e desligou.

No final da tarde do dia seguinte, enquanto eu pegava a saída da I-95 com meu Toyota supercarregado e rumava para a Hanson Road, a locutora da rádio praticamente repetiu o que minha mãe havia dito. Sempre houve um número razoável de crimes em uma cidade como Edgewood — ataques e agressões, arrombamentos e invasões, roubos, vários delitos relacionados a drogas ou, de vez em quando, um homicídio —, mas ninguém lembrava de algo tão violento ou perverso. Era quase como se um botão invisível tivesse sido apertado, afirmava a repórter, e agora estivéssemos vivendo em um local e um tempo diferentes. Nossa cidadezinha havia perdido o pouco que restava da sua inocência.

Ao meu lado, no banco do carona, encontrava-se o meu diploma da Escola de Jornalismo da Universidade de Maryland, ainda enrolado no mesmo tubo de papelão em que a faculdade o havia enviado. Não me dei ao trabalho de mandar emoldurar. Para a decepção dos meus pais, eu nem sequer me dera ao trabalho de atravessar o palco na cerimônia de colação de grau no início do mês.

Depois de quatro anos e meio aparentemente infinitos, eu estava farto da educação formal. Era hora de ir para o mundo real e fazer *algo*.

Só havia um probleminha.

Eu não tinha certeza do que era esse *algo*.

Perseguindo o Bicho-Papão

Eu havia publicado uma boa quantidade de material nos últimos anos, a maioria matérias esportivas e um punhado de reportagens de utilidade pública no jornal da faculdade. Também tive sorte e consegui publicar (duas vezes) no semanário da minha cidade natal, o *The Aegis*, do condado de Harford, e no *Baltimore Sun* (uma vez). Como torcedor dos Orioles desde que me entendo por gente, fiquei especialmente orgulhoso da reportagem sobre Earl Weaver que escrevi para o *Sun*. Ao contrário do meu diploma, ela estava lindamente emoldurada e protegida em plástico bolha no banco traseiro do carro.

Então, armado com minha impressionante coleção de recortes e meu diploma de jornalismo novinho em folha, seria de imaginar que eu estivesse ansioso para me instalar em casa e começar logo a buscar incansavelmente um emprego.

Ledo engano.

Veja, em algum ponto do caminho, no meio de todas aquelas aulas pomposas sobre como redigir corretamente uma introdução, quando utilizar uma fonte anônima e como entrevistar um indivíduo arredio, eu me apaixonei perdidamente por um tipo diferente de escrita. Aquele tipo que tem muito menos regras e nenhum chefe estressado gritando no seu ouvido “Anda logo, Chizmar, precisamos mandar para o prelo!”.

Isso mesmo, estou falando da ruína da existência de todo jornalista que se preze — o mundo idealista e infantilóide do Faz de Conta: a ficção.

Mas espere, a situação é ainda pior. Estou falando de ficção *de gênero*. Crime, mistério, suspense (o *thriller* em geral) e o patinho mais feio de todos: a literatura de terror.

Eu já havia conseguido vender meia dúzia de contos para publicações de pequena tiragem país afora. Revistas com nomes ilustres como *Scifant*, *Desert Sun*, *StarSong* e *Witness to the Bizarre*. Revistas com uma circulação de poucas centenas de exemplares que muitas vezes chegavam na minha caixa postal mal grampeadas e com ilustrações em preto e branco dolorosamente amadoras na capa; revistas que pagavam um *cent* por palavra se você tivesse sorte, mas que, em geral, não pagavam nada.

Como prova adicional da minha ignorância e presunção juvenis, eu já havia dado um passo a mais em direção ao meu amor pela ficção de gênero e recém-anunciado o início da minha própria revista de terror e suspense, uma publicação trimestral intitulada, numa decisão no mínimo questionável, *Cemetery Dance* (nome roubado do meu segundo conto, cujo título recebeu elogios de cerca de uma dúzia de editores e cuja história em si, contudo, não recebeu elogio algum). O primeiro número de *Cemetery Dance* estava programado para ser lançado dali a poucos meses — em dezembro de 1988 — e, como sempre, eu estava sobrecarregado. Uma enorme sequência de longos dias e noites de aprendizado no trabalho me aguardava.

Mas, antes, vinha a parte difícil: explicar aos meus antiquados pais, certos e conservadores, que eu não tinha planos de preparar um currículo e muito menos de procurar um emprego “de verdade”. Em vez disso, tinha um outro estratagema em mente: primeiro, estabeleceria domicílio no meu antigo quarto, no segundo andar da casa da minha infância. Depois passaria os sete meses seguintes compartilhando a mesa de jantar na maioria das noites, preparando-me para meu iminente casamento (e subsequente mudança para a cidade de Baltimore, de modo que Kara, minha futura esposa, pudesse concluir sua graduação na Universidade Johns Hopkins antes de entrar para a escola de fisioterapia, garantindo assim que pelo menos um de nós tivesse uma renda estável), e circulando pela casa de moletom ou de pijama enquanto trabalhava na minha pequena revista e escrevia histórias sobre vilões e monstros.

Um plano infalível, não é mesmo?

Por sorte, meus pais logo se revelaram ainda mais santos (como continuam a ser até hoje) e, por motivos desconhecidos à inteligência humana, concordaram em apoiar meu plano e expressaram uma fé inabalável em mim.

Então, cá estamos... essa era a situação em que eu me encontrava nos primeiros dias do verão de 1988, sentado atrás da minha escrivaninha, embaixo de uma janela que dava para o jardim lateral da casa onde eu havia crescido. Toda vez que eu fazia uma pausa para descansar da tela do computador e olhava para fora, imaginava os fantasmas dos meus amigos de infância correndo sem camisa pelo gramado, engasgando de tanto rir e desaparecendo

Perseguindo o Bicho-Papão

nas sombras oscilantes embaixo do grande salgueiro-chorão cujos galhos espigados haviam agarrado muitas das nossas Wiffle Balls, e proporcionado horas de sombra refrescante para jogarmos bola de gude ou comermos sanduíches e trocar figurinhas de beisebol. Até beijei minha primeira namorada embaixo daquela árvore aos 11 anos de idade. O nome dela era Rhonda e jamais a esqueci.

Mas isso era o passado e por mais que meus devaneios fossem influenciados por aquelas imagens douradas e docemente nostálgicas, logo percebi que, naquele momento, havia um novo presente bem na minha frente, só esperando para ser aberto.

À medida que os dias extremamente úmidos passavam e as palavras se acumulavam no monitor, no fundo da minha alma a decisão de voltar para casa foi se revelando cada vez mais acertada, quase como se uma espécie de predestinação estivesse acontecendo — e, francamente, aquilo me surpreendeu. Quando Kara — uma beleza efervescente, paciente e de olhos verdes (que coincidentemente também vinha de uma família numerosa de Edgewood) — sugeriu pela primeira vez que eu voltasse para a casa dos meus pais nos meses anteriores ao nosso casamento, achei que ela tivesse enlouquecido. Eu amava meus pais do fundo do coração, mas fazia cinco longos anos, desde os meus 17, que eu não passava mais do que uma semana de férias na casa deles. Eu temia, com razão, que, ao voltar a morar sob o mesmo teto, nós três acabássemos enlouquecendo e minha mãe até me envenenasse no jantar.

Mas, por sorte, Kara era dotada de uma intuição afiadíssima, além daquele sorriso de um milhão de dólares, e, como se tornaria rotina nos anos seguintes, tinha razão sobre tudo.

Os sete meses que passei na Hanson Road foram exatamente o que eu precisava. De certa maneira, para mim, se tornaram uma espécie de ponte para a idade adulta — e para tudo de bom e de ruim que veio junto.

Primeiro, as coisas boas: trabalhei arduamente no confortável silêncio do meu antigo quarto e me aprimorei no meu ofício. Um punhado de histórias vendidas e o primeiro número de *Cemetery Dance* publicado dentro do prazo e orçamento estabelecidos, revelando-se um sucesso moderado. Revi pessoas que eu não encontrava havia anos. Reatei antigas amizades. Ajudei meu pai

a cortar grama e aparar arbustos naquele verão, e a recolher folhas e limpar calhas naquele outono. Demos uma boa geral na oficina do coroa, que ficava na garagem, enquanto assistimos aos jogos dos Orioles no porão compartilhando pratos de papel com pilhas de cream crackers com queijo e latas de cerveja Coors bem geladas. Vi o mostrador da balança do banheiro subindo sem parar enquanto eu me deliciava com a comida caseira da minha mãe, e o riso dos meus pais — enquanto assistiam a séries de comédia na televisão em seu quarto escuro — se tornou minha canção de ninar.

Mas também tinha a parte ruim, inacreditável e indescritivelmente perversa, que pairava sobre todas aquelas lembranças maravilhosas como um céu cinzento que prenuncia uma furiosa tempestade. Quatro garotas inocentes assassinadas. Quatro famílias dilaceradas. E uma cidade refém de um louco sem rosto, um monstro muito mais assustador e malvado do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar em uma das minhas ficções.

Por um breve período, logo depois do terceiro assassinato, tentei me convencer de que, na verdade, eu não conhecia tão bem assim nenhuma daquelas garotas. Mas isso não era importante — eu sabia. Elas eram nossas vizinhas. Eram amigas de amigos, irmãs de amigos ou, em alguns casos, filhas de amigos. E eram de Edgewood. O lugar que eu melhor conhecia e mais amava no mundo.

Tive muito tempo para pensar a respeito — um pouco mais de um ano e meio, para ser exato — e acho que a locutora da rádio naquela distante tarde de junho tinha razão quando disse que era como se tivéssemos perdido a inocência. Depois de tudo o que havia acontecido, parecia que nunca mais voltaríamos a ser como antes.

E talvez não devêssemos mesmo.

Talvez o sofrimento sirva para isso: nunca esquecer o que perdemos.

Não consigo explicar como ou por que aquilo aconteceu daquela maneira, por que eu estava novamente na Hanson Road quando os assassinatos foram cometidos. Não sei se foi o destino (como muitas pessoas na minha vida gostariam de acreditar) ou simplesmente azar. No final das contas, os motivos não importam.

Eu *estava* lá.

Perseguindo o Bicho-Papão

Eu testemunhei.

E, de alguma maneira, a história do monstro se tornou a minha própria história.

*Richard Chizmar,
20 de junho de 1990*